

A Experiência de criação do curso
Arte no Campo

Tereza Franzoni
Márcia Pompeo

O texto propõe uma reflexão sobre a criação do Curso de Especialização Arte no Campo, um projeto de Residência Agrária aprovado implementado pelo Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, como Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu*. O esforço histórico dos movimentos sociais do campo e o papel da universidade nesse processo são aspectos abordados no texto, assim como a política nacional de educação ligada a reforma agrária. Da mesma forma, a ação efetiva de professores universitários, militantes e estudantes é também levada em conta nessa abordagem.

Palavras-Chave: Arte no campo, Educação do Campo, Movimentos sociais do Campo

O Curso de Especialização Arte no Campo foi criado graças a um projeto de Residência Agrária que foi aprovado no edital de Apoio a Projetos de Pesquisa / Chamada CNPq/MDA/-INCRA nº 26/2012 e implementado pela Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, como Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Arte no Campo. O curso, que iniciou em meados de 2013, teve como objetivo formar profissionais, com habilitação em artes, tendo em vista “ampliar a inserção da arte na vida dos assentamentos rurais da reforma agrária” (UDESC, 2013). Ainda que implementado na forma de uma especialização, a proposta do curso era a de uma formação generalista em artes, na qual o estudante deveria entrar em contato com várias linguagens artísticas, optando pelo aprofundamento de, pelo menos, duas delas. O curso foi desenvolvido até o início do segundo semestre de 2015, tendo formado 36 especialistas dos 50 estudantes matriculados.

A experiência dos professores envolvidos no curso, até o momento de criação do mesmo, era, principalmente, com os estudantes oriundos do centro de artes, em sua maioria universitários urbanos que compartilhavam, pelo menos em parte, um universo artístico que se aproximava daquele vivido e conhecido pelos professores de sua área. Contudo, a maior parte dos estudantes matriculados no curso eram *assentados* dos Assentamentos dos programas da Reforma Agrária, do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (e filhos de assentados), além de profissionais que atuavam nos assentamentos (na maioria professoras do ensino fundamental e médio). Se por um lado, os estudantes oriundos dos assentamentos do INCRA, em sua maioria, desconheciam a formação em artes e suas especificidades, por outro, os professores e estudantes oriundos do Centro de Artes, pouco ou nada conheciam sobre a realidade rural brasileira, em especial aquela vivida nos assentamentos da Reforma Agrária. O curso possibilitava assim um encontro não muito comum, porém bastante promissor.

A tendência atual do Centro de Artes da UDESC, como a de outros centros universitários, é a de verticalização da formação, com a especialização das áreas e a criação de mestrados e doutorados para cada uma delas. Porém, diferentemente do movimento institucional, o grupo de professores que criou o curso Arte no Campo, aceitou o desafio de formular uma proposta curricular não especializada, articulando artes cênicas, música, artes visuais e design. A proposta, não nasceu simplesmente na reunião desses professores, contudo, em especial para eles passou a se constituir como um espaço/tempo novo, de encontro e trabalho conjunto. Um encontro nem sempre muito comum no ambiente universitário onde as especialidades demarcam a formação, os espaços físicos, as reuniões, os congressos, etc. A dinâmica diferenciada do curso em módulos, os encontros concentrados, as aulas fora da sede da universidade e a opção pela permanência de toda a equipe de professores nos módulos que ocorriam fora da sede, contribuíram para a criação desse espaço/tempo extra cotidiano e de encontro.

O curso, como um acontecimento¹ que institui um modelo não especialista, pode ser melhor compreendido a partir da história recente que o constituiu. A demanda de um curso desse tipo chega ao CEART em 2012, inicialmente através da solicitação de um curso de graduação para formação de professores na área. A demanda não era em uma linguagem artística específica, mas era a de formação genérica em artes. Essa solicitação vinha de lideranças de grupos organizados dos assentamentos ligados a questão da cultura, articulados na maior parte pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. E, ainda que a universidade fosse de âmbito estadual, a demanda referia-se aos três estados do sul do Brasil. Os portadores da demanda eram também desses três estados. A primeira providência tomada foi a de organizar um seminário conjunto, que tinha como objetivo ampliar o grupo de envolvidos no Centro de Artes e começar a formular uma proposta de curso. Nessa ocasião, a informação trazida pelos interlocutores dos movimentos era da possibilidade de construir uma proposta que fosse financiada por recursos disponíveis no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, Pronera².

O grupo de professores, ampliado no contexto do seminário, juntamente aos interlocutores externos, iniciaram as discussões sobre a proposta de curso. Nesse processo, os professores começam a propor uma dinâmica

¹ Utilizo aqui a noção de acontecimento formulada por Foucault (1992), ou seja, como algo que condensa um conjunto de forças que se confrontaram e confrontam, surgindo como uma resultante da ação dessas forças.

² O Pronera, conforme o site oficial do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, do governo federal (<http://www.incra.gov.br>), é o principal programa governamental na área de educação do INCRA. Seu principal objetivo é a ampliação dos níveis de escolarização formal dos trabalhadores rurais assentados.

de curso diferenciada, pautados tanto pela pedagogia da alternância relacionada ao Pronera, como por experiências que vinham ocorrendo em projetos de pesquisa e extensão, que envolviam diferentes áreas e que possibilitavam ações que a estrutura curricular de seus cursos não permitia. O seminário e algumas das reuniões posteriores tiveram um papel importante na consolidação de um formato de curso adequado às políticas governamentais e às experiências existentes de educação no âmbito da reforma agrária. Entre aqueles que trouxeram a demanda para a universidade e contribuíam nas discussões para criação do curso Arte no Campo, estavam estudantes de graduação e pós-graduação oriundos de cursos de *educação do campo*, alguns deles eram também ligados ao setor de Cultura e Comunicação do MST³ e já vinham acumulando discussões sobre a formação nesses cursos.

O conceito de *educação do campo*, parte de sua história, seus dilemas e limitações eram debatidos a partir do acúmulo de discussão trazido pelos interlocutores externos à universidade, em especial por aqueles que já haviam passado pelos cursos de *educação do campo* como estudantes. Para a maioria de nós professores da UDESC, envolvidos no projeto, a aproximação com a rede de atores⁴ ligados à educação no âmbito da reforma agrária, foi se estabelecendo a medida que as definições sobre o curso se faziam. Passávamos também nós a fazer parte dessa rede, e nossas reflexões eram permeadas, ainda que indiretamente, pelas reflexões que vinham se estabelecendo entre pesquisadores do tema. Entre os pesquisadores estavam intelectuais que formularam as políticas de educação no contexto da Reforma Agrária, que ministraram aulas nos cursos de *educação do campo*, e/ou que eram egressos desses mesmos cursos e que faziam de sua experiência, objeto de reflexão teórica. Alguns desses pesquisadores viam a *educação do campo* como uma concepção de educação formulada ao longo das lutas dos movimentos sociais do campo (MUNARIM, 2010). Outros sugerem que a *educação do campo* é um movimento de crítica e combate ao atual estado da política de educação destinada aos trabalhadores rurais. E, nesse sentido, não deveria ser vista como uma proposta de educação e sim, como uma crítica a determinada concepção de educação e de campo (CALDART, 2010).

³ Conforme o sítio do MST (<http://www.mst.org.br/taxonomy/term/330>), esse movimento está organizado em 24 estados brasileiros, com cerca de 350 mil famílias. Além dos Congressos, Encontros e Coordenações, essas famílias também se organizam por setores que se articulam do plano local ao nacional. São eles: Setores como Produção, Saúde, Gênero, Cultura, Comunicação, Educação, Juventude, Finanças, Direitos Humanos, Relações Internacionais, entre outros, conforme necessidade de cada localidade.

⁴ A noção de rede de atores, está aqui fundamentada em Bruno Latour (2007), que a define como a rede de relações e ações que sustenta uma dada situação, ou evento, ou acontecimento, como no caso a política de educação do campo. Ela envolve todos aqueles que tem agência sobre aquilo que se pretende descrever.

Os pesquisadores, contudo, concordam quanto ao protagonismo das ações que levaram à *educação do campo* e as políticas oficiais nesse sentido. Ele era, e ainda é, atribuído aos movimentos dos trabalhadores rurais, marcadamente ao MST⁵. Os movimentos sociais do campo teriam questionado o paradigma da *educação rural* e proposto a *educação do campo*⁶ como um novo paradigma para orientar tanto as políticas públicas, quanto as práticas pedagógicas relacionadas aos trabalhadores do campo (SOUZA, 2008). Essa também havia sido nossa experiência ao formular o curso de Arte no Campo. A experiência e as reflexões trazidas por nossos interlocutores para o diálogo no âmbito universitário, foram fundamentais para o formato e, podemos dizer, para o sucesso, do curso. Da mesma forma, também nós e os estudantes do curso passaram a fazer parte do rol de pesquisadores que alimentam e mantêm viva as discussões sobre essa proposta de educação e suas perspectivas⁷.

O Curso Arte no Campo, tornou-se uma proposta de educação superior submetida ao Pronera, contudo por um caminho diverso daquele pelo qual iniciou sua trajetória. Enquanto discutíamos as propostas para um curso de graduação, o CNPq publicou a chamada CNPq/MDA-INCRA n. 26/2012, que oferecia uma linha de ação intitulada “Comunicação, projetos artísticos e culturais em comunidades de assentamentos rurais”⁸. Este edital foi visto pelo grupo que discutia o curso de graduação em artes, como a possibilidade de viabilizar a proposta, ainda que, para um outro público, em menor tempo, com dimensões menores. A proposta que se consolidou nesse sentido foi a de um curso de especialização. A dúvida sobre a demanda efetiva para um curso de especialização foi sanada por nossos interlocutores externos que se comprometeram a fazer o mapeamento de graduados interessados e a divulgação para os possíveis candidatos.

A especialização em Artes no Campo foi assim formalizada junto ao CNPq e a UDESC, com o compromisso de envolver vários aspectos: o oferecimento de uma formação em artes; a produção de conhecimento sobre a realidade vivida pelos assentados e sobre suas formas de manifestações artístico/culturais; a preparação dos professores da UDESC para uma futura licenciatura e para trabalhar com *educação do campo*; e a experimentação conjunta em atividades práticas e produções artístico/culturais que fortaleçam o diálogo e a colaboração entre assentados e universidade.

⁵ Essa versão aparece tanto em Munarim (2010), quanto em Caldart (2010; 2008) entre outros.

⁶ A própria expressão *educação do campo*, segundo os pesquisadores citados, teria em vista reforçar a ideia do protagonismo dos trabalhadores do campo.

⁷ Procurando registrar e refletir sobre a experiência do curso Arte no Campo, organizamos o livro *Arte no Campo: perspectivas políticas e desafios* (Nogueira; Franzoni, 2016) que traz uma série de artigos tratando das experiências desenvolvidas no curso.

⁸ O edital completo encontra-se no site do CNPq (<http://www.cnpq.br>), na página referente as chamadas públicas.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salette. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, Clárcia Aparecida dos (org.) *Campo – Políticas Públicas – Educação*, Coleção Por uma Educação do Campo, n. 07, Brasília: INCRA/MDA, 2008.

CALDART, Roseli Salette. Educação do Campo: notas para análise de percurso. In: *Educação do Campo: Semiárido, Agroecologia, Trabalho e Projeto Político Pedagógico*, Santa Maria da Boa Vista/PE Setembro, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*, 3a ed. Rio de Janeiro, Graal editora, 1982.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: An introduction to Actor Network Theory*. Oxford University Press Inc: New York, 2007.

NOGUEIRA, Márcia Pompeo; FRANZONI, Tereza Mara. *Arte no Campo: perspectivas e desafios*. São Paulo: Outras Expressões, 2016.

MUNARIN, Antônio. Educação do Campo, desafios teóricos e práticos. In: MUNARIN, A. et al. *Educação do Campo: Reflexões e Perspectivas*, Florianópolis: Insular, 2010.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação do Campo: política, práticas pedagógicas e produção científica. In: *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1089-1111, set./dez, 2008.

UDESC, 2013, *RESOLUÇÃO Nº 010/2013, de 16 de abril de 2013*. Conselho Universitário. Cria o Curso de Pós-Graduação “lato sensu” de Especialização em Arte no Campo, no Centro Artes – CEART, da Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina.. Disponível em: <http://artenocampo.files.wordpress.com/2013/08/resoluc3a7c3a3o-consuni-010-2013-cria-o-curso-arte-no-campo.pdf>. acesso em: 02 set 2013.